

O CUIDADO COMO A BASE ÉTICA NA CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO

Vera Lucia C. Marinho de Carvalho¹

RESUMO: Ao falarmos do campo do cuidado e da ética nos referimos a uma atitude e a um tipo de olhar. Trata-se de um modo de estar diante do outro. Antes de ser uma ação o cuidado diz respeito à consideração pelo outro e por suas necessidades. Daí a importância de colocarmos tais questões no centro das reflexões sobre uma educação para a tolerância. O objetivo aqui é o de caracterizarmos tais elementos centrais deste tema que, ao destacarem o reconhecimento do outro em sua alteridade e singularidade, revelam a base ética do ato de cuidar e os seus corolários imediatos, traduzidos por uma posição menos narcísica e onipotente, mais tolerante.

A palavra grega “éthos” (da qual deriva ética) remete a dois sentidos: morada e pátria. O significado de ética refere-se, portanto, às condições necessárias ao acontecer humano, um lugar para viver, um lugar para ser. A constituição de cada indivíduo singular é fruto de um processo histórico no qual a qualidade do cuidado por ele recebido tem um papel

¹ Vera Lucia C. Marinho de Carvalho psicóloga clínica, com Graduação pela USP, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC/SP

crucial para a realização, ou não, de seu potencial. O acolhimento inicial vivido por esse indivíduo em seu ambiente de origem, representado pela mãe ou por quem realiza a função materna, é indissociável da possibilidade de ser desse indivíduo.

É o ambiente suficiente bom, expressão usada pelo psicanalista D.W.Winnicott. O ambiente ou a mãe suficientemente boa refere-se a uma condição de reconhecimento e atendimento à dependência do bebê, dirigindo-se sintônicamente às suas necessidades. Winnicott deixa claro que tal cuidado dirige-se às necessidades do bebê, e não à satisfação de desejos pois, nos estágios iniciais de vida do bebê, não há ainda um indivíduo que tenha desejos, mas um ser imaturo em estado de dependência absoluta. O ambiente se adapta às necessidades que surgem do ser e dos processos de amadurecimento. Nesse período, o bebê é a totalidade dos cuidados que recebe. Winnicott nos explica que, num primeiro momento, o da dependência absoluta, o bebê não tem meios de perceber o cuidado materno, mas apenas está na posição de se beneficiar ou sofrer as conseqüências da qualidade da provisão ambiental.

Num segundo momento, o da dependência relativa, o bebê pode se dar conta da necessidade de detalhes do cuidado materno e pode, de modo crescente, relacioná-lo ao seu potencial pessoal. Num terceiro

momento, o bebê desenvolve meios para ir vivendo sem o cuidado real. Isto é possível através do acúmulo de recordações do cuidado, da introjeção de detalhes do cuidado, com o desenvolvimento da confiança no meio. A experiência de si mesmo se inicia assentada num campo de confiança básica.

Esse lugar que permite a emergência do ser supõe, na relação fundante com o outro, um mutuo reconhecimento. Eu, diante do outro, reverencio sua alteridade e reconheço sua natureza humana em mim. Só posso vê-lo porque há uma experiência empática que nos coloca em comunidade (comunidade humana). Esta é a condição ética das relações. Como nos diz Hanna Arendt, “do ponto de vista das necessidades os homens não são iguais mas rigorosamente idênticos”, pois a natureza humana é comum a todos.

O ser humano acolhe outro ser humano, o ser humano vive junto a outro ser humano. O acolhimento e o cuidado são fenômenos constitutivos. Ao pensarmos a trajetória humana temos que a primeira experiência de lugar do ser humano é no outro, na subjetividade do outro. É a experiência ética de entrada no mundo humano.

O olhar e a posição que se colocam em comunidade e reconhecem a alteridade, estabelecem o campo do cuidado e da ética que dá lugar e sustenta o entre-nós. Podemos afirmar que os cuidados iniciais,

recebidos pelo indivíduo no meio que o acolhe, são a matriz de sua humanização. Tal acolhimento sintônico propicia ao indivíduo uma possibilidade de “fazer sentido” de sua vida e das vicissitudes nela contidas.

Figueiredo (2009) esclarece: “Fazer sentido significa dar uma forma intelegível aos acontecimentos constituindo para o sujeito uma experiência integrada, na qual ele se reconhece. E tais experiências só se constituem se sustentadas, promovidas e ensinadas pelos cuidados de que somos alvo”. As possíveis falhas ambientais no início da vida não reduzem o indivíduo a elas pois, ao longo de sua trajetória, ele continuará se constituindo a partir de outros encontros que venha a fazer.

O cuidado equilibrado envolve acolhimento, sustentação, reconhecimento e sintonia. Não é fácil manter em equilíbrio essas funções do cuidado para que elas proporcionem a capacidade de fazer sentido para o indivíduo. E aqui entra em cena a figura do cuidador. “Ele deve ser presença ativa implicada na ação de cuidar, mas não pode ser presença excessiva” (Figueiredo, 2009). Quando isso acontece o que temos é uma experiência de submetimento e claustrofobia que sufoca e pode até provocar incapacitação. É muito diferente, por exemplo, um bebê receber o alimento na hora em que sente a necessidade dele, de

recebê-lo porque a mãe (o ambiente) precisa dar-lhe o alimento. Nessas condições ele fica submetido à aflição da mãe, à uma pressão totalmente externa a ele que o interrompe no seu sentido de ser, na sua experiência de continuidade.

Dependendo da frequência de tais invasões este bebê, em sua trajetória, já carregará um tipo de sofrimento que dirá respeito a um vazio de si, a um sentido inconsistente de sua própria existência e à impossibilidade de confiar.

É preciso atenção para os possíveis excessos de cuidado, mesmo quando imbuídos das melhores intenções. A aflição do cuidador ou sua necessidade de “ser bom” podem provocar adoecimento. O cuidado equilibrado se traduz por uma postura mais desapegada por parte do cuidador que, ao não ocupar o centro da cena, sustenta um “deixar ser” do outro naquele momento, como uma mãe que pode observar seu filho brincando simplesmente estando ali, em silêncio. Isto é possível se o cuidador é capaz de acolher suas próprias necessidades e dependência, deixando-se cuidar também pelos outros.

Por exemplo, a mãe pode cuidar do seu bebê, a mulher cuida da família e da casa e se deixa cuidar pelo meio à sua volta, que sustenta sua possibilidade de cuidar. O cuidador que reconhece os seus limites sabendo que não pode tudo estará mais apto a não exercer o cuidado

de forma autoritária, ou seja, o cuidado não se transformará numa experiência de domínio, desqualificando ou aprisionando os objetos de cuidado.

Tanto no âmbito familiar quanto no social, é preciso exercitar a mutualidade nos cuidados como um princípio ético fundamental a ser transmitido. É na renúncia à própria onipotência e na conseqüente postura menos narcísica, que se funda um campo de confiança no meio e tolerância necessária às relações. Não é só o outro que precisa. Levando em conta nossa natureza precária e vulnerável, somos todos necessitados. O deixar-se cuidar pelo objeto de cuidado é um modo eficaz de reconhecer e transmitir uma relação de respeito e igualdade no registro mais fundo do humano. Isto vale para qualquer um que ocupe a posição de cuidador. O cuidado vivo e real invalida qualquer arrogância.

Esta é uma forma de legitimar o lugar do outro e confirmar sua potência. Assim, ao poder confiar, o cuidador estará contribuindo para que o sentido de confiança do indivíduo, em si e no meio, se fortaleça. Dessa forma, tal indivíduo também poderá exercer sua capacidade cuidadora no mundo e nas relações, de modo singular, ou seja, a partir do seu modo de ser.

Vemos portanto que o cuidado está para além do exercício correto de normas técnicas e de procedimentos ritualizados. O cuidado envolve um modo de ser e estar na relação, para que a confiança e a humanização daquela situação possam emergir como condição para um real sentido de responsabilidade. Assentados na confiança e no modo de ser do indivíduo, o cuidado e o sentido de responsabilidade não são vividos com a marca do sacrifício mas, ao tecerem um “fazer sentido” para a sua vida, promovem uma experiência integradora e um sentido do bem no encontro com o outro. É pela responsabilidade com o outro que posso ter acesso à condição de indivíduo num sentido ético. Esta é a forma que o filósofo E. Levinás apresenta de uma possibilidade de subjetividade em que o outro está inscrito.

A CLÍNICA E O CUIDADO

Enquanto psicanalista exercendo o ofício da clínica, venho testemunhando, ao longo dos anos, o aumento de pacientes que trazem o seu sofrimento traduzido como “um grande vazio”, “um fazer por fazer”, “uma sensação de que nada tem graça”, e assim por diante. Acrescente-se a isso as manifestações físicas tais como enxaquecas, dores generalizadas pelo corpo, insônia, etc.

A falta de sentido para o próprio viver e a conseqüente impossibilidade de descanso real, transformam a vida cotidiana num pacote quase

insuportável de ser carregado. Nessas condições, o chamado trauma não se refere ao que possa ter acontecido na vida deste indivíduo, mas ao que não acontece: ele não vive a experiência do próprio acontecimento. Do ponto de vista dele, a vida só acontece para os outros. Ele está de fora, não se sente incluído, por mais que aos olhos dos outros pareça estar.

Situações como essa podem ser diagnosticadas como depressão, pois até provocam tais sintomas, mas não podem ser reduzidas ao uso de um comprimido. Muitos desses pacientes são profissionais de sucesso, já tendo conseguido uma estabilidade financeira, são casados e têm filhos. Ou seja, é como se já tivessem cumprido boa parte dos itens da cartilha daquilo que imaginam se espera de uma pessoa ao longo de seu percurso. Os seus sentidos só atendem ao que vem de fora. Este indivíduo nem sequer pode sofrer a sua própria dor, que para ele é incompreensível, já que entende que cumpriu todos os requisitos exigidos pela vida social, pelos olhos do mundo.

O que vemos aqui é alguém que funciona bem, mas de fato não se sente. É o indivíduo contemporâneo, vazio de si mesmo, órfão de ideais e que se assenta na sedução das imagens que lhe são propostas. Ele precisa aprender a sofrer e a dar sentido à dor que está vivendo, e isso só é possível junto a outro. Um outro que possa lhe dar atenção.

Atenção é algo precioso que podemos ofertar a alguém. A atenção exige tempo, condição de espera, e demanda um olhar sem pré-conceitos estabelecidos. É preciso resgatar um tempo subjetivo. Este é um cuidado fundamental. O ser humano só acontece em presença de outros, e isto está para além de compreender cada ser humano como um produto social. Nunca é demais repetir que a presença de outro é elemento fundante do ser humano. Na clínica encontramos, frequentemente, experiências de vida de uma pessoa, dores que são decorrentes do fato de que ela jamais teve a oportunidade de ter um encontro naquela área da existência. Então algo se revela, e o que se passa é que tal revelação não diz respeito só a essa pessoa mas à nossa condição humana.

Poder acolher isso é uma das belezas do trabalho clínico e também a tradução do campo ético onde a experiência acontece. Ou seja, para que algo de fato significativo aconteça na clínica, é preciso que o analista se coloque em comunidade, numa atitude de acolhimento, humildade para o não saber e o reconhecimento da alteridade que vai se revelando cada vez mais em sua singularidade. O analista ativo e avaliador não cuida, mas obstrui o acontecimento terapêutico.

O CUIDADO E OS SEUS DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE

As questões que aqui se colocam dizem respeito ao papel da família, das instituições em geral, governamentais e educacionais, empresas e indivíduos. Como traduzir o cuidado em elemento preventivo contra o adoecimento do indivíduo e o esgarçamento das relações?

O que encontramos hoje na sociedade pós-moderna é um tipo de organização que desumaniza. Basta ver quanto os indivíduos se definem pelo concreto de seus corpos, pelos objetos que possuem ou pela importância do dinheiro como bem central.

É uma sociedade traumática na medida em que se organiza em torno de objetos e critérios reais que impossibilitam significações subjetivas. O prazer imediato e o horror ao sofrimento colocam o indivíduo anestesiado em suas sensibilidades.

Ele se dispersa nas realizações fugazes e, tomado pelo impulso de querer sempre mais, vive num estado de perene insatisfação. Em seu delírio de desempenho e autonomia, tal indivíduo vale mais do que a comunidade que o abriga e o patrimônio cultural herdado. Nesse sentido é preciso repor as referências que consolidem valores humanos.

Não é nosso objetivo aqui dar respostas a tais questões, mas, ao citá-las, pretendemos colocar a tônica na urgência da criação de outro tipo

de organização que, baseada no cuidado consigo próprio e com o outro, possa resgatar o solo humano para a nossa trajetória.

O que se impõe é uma educação para o cuidado que pede abertura ao encontro com o outro. A exclusão da alteridade é a exclusão do cuidado. Não é possível cuidar sem se expor ao outro: uma educação do cuidado é uma educação da alteridade. Para tal, há necessidade de um compromisso com o outro que não é regido por nenhuma jurisprudência, mas pela urgência de dar um sentido humano ao nosso viver.

Ao se referir à relação dos pais (ou do ambiente cuidador) com o bebê, Winnicott nos diz (1979): “...Os pais não têm de fazer seu bebê como o artista tem de fazer o seu quadro ou o trabalhador de cerâmica seu pote. O bebê cresce a seu modo, se o ambiente é suficientemente bom (pg. 91). Eis um desafio primordial para as intuições educacionais, ou seja, formar seus educandos num ambiente suficientemente bom, que os permita fazer uso de si próprios a partir de sua criatividade originária e sua espontaneidade. Isto não significa “sermos bonzinhos” ou “ausência de regras”. Mas significa termos uma capacidade de acompanharmos este ser em formação ajudando-o em suas criações, caminhando em seu ritmo. Infelizmente encontramos, com muita frequência nos dias de hoje, a escolarização da educação infantil (até

os 4 anos mais ou menos). Ou seja, se pensa a educação infantil como se fosse o ensino fundamental.

A criança não brinca livremente para aprender a conviver. As brincadeiras são, em geral, dirigidas, têm uma intenção, o que obtura a espontaneidade e a revelação. A brincadeira não deveria precisar de brinquedo e muito menos de recreio. Brincar não é meio, é a finalidade em si. Já dizia um poeta que a importância das coisas é medida pelo encantamento que provoca em nós. Muitas crianças de hoje estão sendo roubadas da possibilidade de se encantar e de se sentirem livres para criar o mundo a partir de seu modo de ser.

Ao se impor precocemente o atendimento à demanda externa como fio condutor da formação de um indivíduo, fica impedida a constituição de um campo de valores pessoais que norteariam, verdadeiramente, as escolhas desse indivíduo, na medida em que ele, desde o início, foi adestrado a partir do desempenho eficiente e da competitividade. Podemos afirmar que tal imposição precoce provoca uma fenda ética que impede a experiência integrada de si mesmo. Adestrar não é formar, e não aprofunda um sentido humano de existência. Nesse caso, estamos apenas condicionando crianças e jovens, de um modo mais sofisticado, a se adaptarem com “sucesso”, através de técnicas e recursos que os afastam do acesso ao seu núcleo mais pessoal. Q

olhar que não vê, não cuida. Sem o cuidado com a aparição do singular e o reconhecimento da alteridade corremos o risco de uma sociedade robótica e desumanizada. Sem o cuidado não vemos o outro em nós e aqui nasce a intolerância.

REFERÊNCIAS E OBRAS CONSULTADAS

- FIGUEIREDO, Luis Claudio. As Diversas Faces do Cuidar novos ensaios de psicanálise contemporânea. São Paulo, Ed. Escuta, 2009.
- LEVINÁS, Emmanuel. Ética e Infinito – Diálogos com Philippe Nemo Lisboa – Portugal, Edições 70, Lda., 1982.
- MAIA, Maria Schargel (org.) Por uma ética do cuidado. Rio de Janeiro, Ed. Garamond Ltda., 2009
- SAFRA, Gilberto. A pó-ética na clínica contemporânea. Aparecida, S.P., Ed. Idéias e Letras, 2004.
- WINNICOTT, Donald W. (1979) O Ambiente e os processos de maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1988.